

A única maneira de uma gota d'água não secar é ela encontrar o mar

Um Provérbio Tibetano e o Processo de Individuação¹

Carlos Amadeu Botelho Byington²

A fenomenologia deste provérbio talvez não encontre dificuldade em compreender a gota d'água como a parte ínfima do Ser, que, no caso da psicologia, pode bem ser uma metáfora do Ego. Já para a simbologia do mar, o tema é mais complexo, por se tratar da dimensão do absoluto, da imensidão, da totalidade do cosmos, de Deus, cuja metáfora na Psicologia Analítica é o Self, ou seja, o Arquétipo Central.

O assunto é então o relacionamento da parte com o todo, ou seja, do encontro do Ego com o Arquétipo Central, que Erich Neumann denominou centroversão.

O provérbio fala em **não secar** o que certamente corresponde à finitude e à efemeridade do Ego e, para tal, recomenda o encontro com o Arquétipo Central, com a totalidade. Sendo o Ego o resultado da atualização do Arquétipo Central, sabendo que a interação dos dois é permanente, o que significa o seu encontro para ultrapassar a finitude. Estaria o provérbio se referindo a uma alteração da consciência para compreender a vida além da morte ou a vivência de transcendência do Ego durante a individuação?

Jung definiu o processo de individuação como a realização do potencial arquetípico do Self de cada pessoa. Inicialmente, o processo de individuação foi situado na segunda metade da vida, quando o Ego já formado, é transcendido e dá lugar à dominância dos Arquétipos da Anima e do Animus, que guiam o Self para sua realização plena.

A partir da década de 1950, os trabalhos de Yolande Jacobi, Michael Fordhan e Erich Neumann começaram a descrever a formação arquetípica do Ego a partir das relações primárias. Este fato fez com que o conceito do processo de individuação fosse ampliado para abranger também a primeira metade da vida.

O que acontece então com a concepção arquetípica da identidade na Psicologia Analítica? Será que o Ego forma inicialmente uma identidade coordenada pelos Arquétipos Parentais e, depois, diferencia uma outra a partir da centroversão e da coordenação do desenvolvimento dos Arquétipos da Anima e do Animus na maturidade?

¹ Palestra proferida na Aula Inaugural do Curso de Pós Graduação em Psicologia Analítica da PUC – SP. São Paulo, 13 de fevereiro de 2009.

²Médico psiquiatra e analista junguiano. Membro fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Educador e Historiador. Criador da Psicologia Simbólica Junguiana. E-mail: c.byington@uol.com.br. Site: www.carlosbyington.com.br

Minha proposta nesta palestra é conceituar que a identidade é uma função estruturante da consciência, que como todas as funções estruturantes, é bipolar. Nesse caso, existem de fato, duas identidades básicas no ser humano, mas ambas são do Ego e do Self.

Aos 12 anos, Jung percebeu, em si mesmo, duas personalidades, ou seja, duas identidades que chamou de nº1 e de nº 2. A de número um, ele associou com o menino de colégio que não compreendia matemática e que se caracterizava pela insegurança. “A de número 2” era a de um homem importante, de grande notoriedade, com quem não se podia brincar” (Memórias, pg. 43). A personalidade de nº 1 era “filho de meus pais, que freqüentava o colégio, era menos inteligente, atento, obediente e mais asseado que os demais.” A de número 2, pelo contrário era um adulto, velho, cético, desconfiado e distante do mundo dos homens (Memórias, pg. 51)

A partir da noção de que o Ego é formado pela coordenação de arquétipos que operam à volta do Arquétipo Central do Self, podemos considerar a função estruturante da identidade à partir de duas vertentes. Uma associada à Persona que incorpora as características do Ego a vida para a adaptação social. Outra, em função de uma identidade virtual já presente no Arquétipo Central, que se revelará durante toda a vida. Estas duas identidades são relativamente diferentes das personalidades 1 e 2 de Jung e podem ser melhor compreendidas, quando as relacionamos com a ontologia de Heidegger. É que, as duas identidades de Jung são descritas em função de características mais superficiais ou mais profundas, mais infantis e mais maduras da personalidade, enquanto que o enfoque ontológico nos permite relacioná-las com o processo de desenvolvimento do Ser.

Dentro da fenomenologia, Heidegger descreveu o Ser (Sein) como a essência de tudo o que é, que se humaniza no ser-aqui (Dasein) através das coisas (Seiende). Nesse sentido, por um lado, podemos conceber a identidade de ser-no-mundo (in-der-Welt sein) através das coisas (Seiende) como identidade ôntica, ou identidade da persona e da sombra. Por outro, temos a identidade do Ser, a identidade ontológica, que se mantém a mesma e se revela durante toda a vida no processo de vir-a-ser.

A **identidade ôntica** da Persona e da Sombra é fácil de caracterizar, pois ela é formada por atributos da personalidade que conseguimos nomear e descrever. Assim, uma pessoa pode ser homem ou mulher, alta ou baixa, branca ou negra e ter características diversas de nome, moradia, família, etnia, profissão, nacionalidade, time de futebol e outros atributos sem conta, que incluem o seu RG e CPF. Esta é a identidade ôntica da persona normal, mas ela também pode ser a identidade da Sombra com os

atributos vários de alcoólatra, perdulário, arrogante, fracassado, obsessivo, aleijado e tantos outros mais.

Já com a identidade ontológica ou do Self, a situação é bem mais difícil, porque por sua própria conceituação, esta identidade não pode ser descrita por nenhum atributo ôntico e deve ser caracterizada pela descrição da essência do Ser. Mas, como fazê-lo?

O grande místico indiano Ramana Maharshi escreveu um livro denominado “Quem sou eu?”, que aborda a identidade ontológica de maneira muito original. Ao invés de cair na armadilha de tentar descrevê-la e, com isso, contrariar-lhe o conceito, ele passa o livro perguntando por ela (“Quem sou eu?”), e a seguir responde às perguntas com a identidade ôntica, invalidando suas respostas por não conseguirem atingir a identidade do Ser.

Um episódio inesquecível do meu vestibular aborda também a identidade ontológica, só que de maneira tricksteriana. Estávamos na prova de biologia e um colega foi sorteado para descrever e classificar a mosquinha das frutas chamada *drosophila*. O professor colocou um espécime na frente dele e pediu que o candidato dissesse como ele a reconhecia por suas características morfológicas. O aluno, que não tinha a menor idéia do que dizer inventou, de repente, uma resposta _ Professor, o senhor quer saber como se reconhece a mosquinha das frutas, essa *drosophila* aí? Pois é muito fácil: basta olhar o jeitão dela! Sem o querer e até mesmo por não saber descrever as características ônticas da pobre *drosophila*, cientificamente espetada para participar do nosso vestibular, o colega acabou por recorrer jocosamente à identidade ontológica.

Se não conseguimos então descrever a identidade ontológica, como conceituá-la para entender o nosso provérbio? Como poderemos ensinar à gota o caminho do mar? Como pode o Ego exercer a centroversão a ponto de compreender que o Arquétipo Central é a sua fonte e, ao fazê-lo, conhecer a transcendência que o gerou e, ligar-se à fonte para com ela rejuvenecer-se e manter sua vitalidade eternamente?

A entidade ontológica não pode ser descrita por suas características ônticas, porque não é uma coisa, nem uma coleção de muitas coisas, mas sim, um processo. Ele é o processo de vir-a-ser do Ser. E é como tal que ela se revela ao Ego durante a de individualização.

Por conseguinte, o conhecimento da identidade ontológica é iniciático, ou seja, ele não pode ser descrito nem reconhecido verbalmente porque precisa ser vivenciado. E, é quando o Ego se descobre como a experiência do vir-a-ser do Arquétipo Central, que a gota d’água encontra o caminho do mar.

No entanto, com isso, não quero lhes dizer que somente conhecemos nossa identidade ontológica, quando nosso processo de individuação começa a anunciar o conjunctio final entre o Ego e o Cosmos. De fato, no final da vida, ao olharmos para trás, compreendemos muito do que foi o longo caminho. Se ele foi buscado com coragem, audácia, esperança e amor, nosso coração se abre para sentirmos o fio de Ariadne que nos guiou através do labirinto. Mas, não é só aí. Durante todo o processo, temos lampejos ou até mesmo relâmpagos que iluminam o caminho com a luz da identidade ontológica irradiada pelo Arquétipo Central. Às vezes num sonho, às vezes num acidente, outras vezes nos acontecimentos da vida tão cheios de sincronicidades imprevisíveis.

Um advogado de quarenta e cinco anos achava-se no auge do sucesso profissional. Tinha uma bela família e um rendoso escritório com casos milionários. Surpreendentemente, veio fazer análise. Disse-me que previa a sua morte e que queria preparar-se, pois tinha pesadelos freqüentes com desastres, de carro, de trem, de avião e até mesmo andando na rua. Submeteu-se a exames clínicos e estes nada revelaram.

Tínhamos alguns meses de terapia e estávamos muito preocupados com estes presságios trágicos. Até que um dia, o anunciado aconteceu. Ele trafegava pela ponte Rio-Niteroi, quando o trânsito de repente parou devido a um acidente. Ele abriu a janela do carro e olhou o mar. Afrouxou o laço da gravata, por sentir falta de ar. Sua ansiedade foi crescendo e ele começou a vivenciar a angústia da morte, que freqüentemente visitava seus sonhos. Era um ataque de pânico. De repente, abriu a porta do carro e quis atirar-se da ponte. Outras pessoas saíram de outros carros e o contiveram até que o serviço de emergência chegou e o levou para um hospital.

Continuamos nossa terapia. A medicação ansiolítica que eu lhe receitava antes, com efeito muito limitado, agora conteve melhor sua ansiedade e pudemos elaborar muitas coisas.

Ele começou a repudiar seu escritório dizendo que ali era o prostíbulo de sua alma. Passou a fazer advocacia para famílias humildes, no subúrbio e, com o tempo, começou a defender também presos políticos. Recomendei-lhe que lesse o livro de Camus “A Queda”, e sua análise muito nos ajudou. Sua ansiedade passou; ele separou-se de um casamento estagnado, encontrou outra relação e passou a se sentir em paz e feliz.

Elaboramos com inúmeras dramatizações a ocorrência na ponte. Ao buscar a morte no desespero, ele se conscientizou do quanto queria matar pela Sombra aquele Ser que havia se afastado tanto da sua autenticidade (Eigenartichkeit). Era a gota que, no desespero de secar-se, buscava o mar pela Sombra, pela destruição.

John Weir Perry foi um psiquiatra e analista junguiano que viveu em São Francisco e escreveu um livro “The far side of madness”, no qual relata vários casos de psicose aguda, com recuperação plena posterior, que interpretou como a invasão da Consciência pelo Arquétipo Central, na busca de uma transformação radical da personalidade.

Sei que é muito difícil compararmos os arquétipos com metáforas da formação do corpo humano. No entanto, tudo indica que os arquétipos representam na mente o que os genes e os instintos expressam no corpo. Ao olharmos nossas feições no espelho, ou vermos as formas do nosso corpo e chegarmos, finalmente à configuração única de nossas impressões digitais, temos a percepção de nossa identidade ôntica que foi geneticamente determinada. Será que a identidade ontológica pode ser genética?

James Hillmann nos fala do código do Ser, que é uma boa expressão para nossa identidade ontológica. Ela está em nós ao nascermos e nos acompanha sempre. As vicissitudes ônticas por vezes nos afastam dela, freqüentemente por tentações oportunistas, nas quais nos vendemos, mas também por sofrimentos que nos levam às fixações e à formação de defesas, que nos escravizam na Sombra e nos afastam da verdade maior do nosso Ser. No entanto, ela lá está e quando nos dedicamos à centroversão, seja buscando compreender nossos sonhos, nosso amores, nossa criatividade, nossas vocações e chamados da vida, ela ativa a agulha magnética da busca arquetípica que guia nosso Ser para a totalidade.

A identidade ontológica não pode ser conhecida de antemão e planejada racionalmente, mas ela pode ser buscada através da perspectiva simbólica, que revela, de dia na fantasia, e de noite nos sonhos, o caminho da imaginação que assinala o funcionamento do Arquétipo Central.

A abertura do Ego, para perceber o sentido da vida através do processo de elaboração dos símbolos coordenado pelos arquétipos, enseja a compreensão da ligação permanente da parte com o todo, ou seja, do Ego com o Arquétipo Central. Nesse sentido, a análise junguiana e o processo de individuação estão baseados na compreensão do desenvolvimento simbólico permanente, que forma o Ego e a Consciência e, por isso, são o caminho da gota para encontrar o mar.

É este caminho que Jung trilhou em sua vida e tentou ensinar através de sua obra. A inspiração de Shakespeare o representou sabiamente no conselho de Polônios a seu filho Laerte, no Hamlet:

“Acima de tudo, sejas fiel ao teu próprio Ser, e, assim, tão certo como a noite segue o dia, não serás jamais falso com alguém.”